

## **Aspas de conotação autonômica: Uma proposta sobre as heterogeneidades enunciativas do sujeito no discurso**

**Ezequiel Bezerra Izaias de Macedo**

Doutorando em Letras na Universidade Federal de Pernambuco

### **RESUMO**

A linguística pode ser definida como sendo uma disciplina que estuda a linguagem de maneira científica. No entanto, é preciso observar que a palavra *linguagem* é polissêmica. Portanto, nesse domínio, os estudiosos não são unânimes ao procurarem fornecer elementos para tentar conceituá-la.

**Palavras-chave:** Linguagem, Descrição enunciativa, Heterogeneidades enunciativas.

### **1 INTRODUÇÃO**

A linguística pode ser definida como sendo uma disciplina que estuda a linguagem de maneira científica. No entanto, é preciso observar que a palavra *linguagem* é polissêmica. Portanto, nesse domínio, os estudiosos não são unânimes ao procurarem fornecer elementos para tentar conceituá-la.

Nosso artigo trabalha com a definição de Jacqueline Authier-Revuz para o que seja *enunciação*, que seria um “campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores – as formas da língua” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16).

Dessa forma, a enunciação pode ser concebida como um domínio heterogêneo do conhecimento, no qual se põe em jogo o sujeito, assim como sua relação com a língua e com o sentido. Esse lugar, inevitavelmente, conduz a linguística, caso seja compreendida no seu senso restrito, a se valer de teorias exteriores a seu campo teórico, com a finalidade de alicerçar a descrição dos fatos enunciativos.

Vejamos o que diz Authier-Revuz, reforçando a heterogeneidade da enunciação:

De maneira geral, podemos dizer que passar da consideração da língua concebida como “ordem própria”, sistema finito de unidades e de regras de combinação [...] à consideração da fala, do discurso, é abandonar um domínio homogêneo, fechado, onde a descrição é da ordem do repetível, do “UM”, por um campo duplamente marcado pelo “NÃO UM”, pela heterogeneidade teórica que o atravessa (AUTHIER-REVUZ, 2001, p. 166).

A heterogeneidade enunciativa, por sua vez, segundo o prisma de Authier-Revuz (2004), pode ser dividida em constitutiva e mostrada. A autora fundamenta sua teoria sobre este tipo de heterogeneidade, baseando-se nos pressupostos de Bakhtin sobre dialogismo e a polifonia, como também nos postulados de Lacan que definem o inconsciente.



No que tange à heterogeneidade mostrada, a própria Authier-Revuz (op. cit.) postula que essas formas podem ser subdivididas como sendo marcada e não marcada. Como exemplos de tipos de heterogeneidade mostrada e marcada, temos as glosas enunciativas, o discurso relatado, no qual podemos incluir as formas sintáticas do discurso direto e do discurso indireto, como também *as aspás*, as quais se constituem no objetivo principal deste trabalho. Exemplificando os casos de heterogeneidade mostrada, mas do tipo não marcada, temos a ironia e o discurso indireto livre, dentre outros, que contam com o “outro dizer”, sem explicitá-lo, para produzir sentidos.

## 2 CASO CLÍNICO

Segundo Authier-Revuz (op. cit.), ao se buscar uma definição para a heterogeneidade do sujeito no discurso, pode-se começar a construí-la a partir da noção de heterogeneidades enunciativas. Estas, por sua vez, se apresentam como sendo compostas de dois tipos, os quais são separados e estudados didaticamente pela autora, no sentido de facilitar a compreensão: a heterogeneidade mostrada, que pode ser marcada ou não marcada e a heterogeneidade constitutiva.

Por seu turno, ao explorar a heterogeneidade constituída, a própria Authier-Revuz postula:

[...] passando pelo continuum das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se, inevitavelmente, à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 21).

A pesquisadora destaca que precisa de uma ancoragem no *exterior* do linguístico, a fim de postular sua teoria sobre a heterogeneidade constitutiva.

A linguista francesa suporta sua fundamentação, buscando resgatar as formas mais explícitas, mais intencionais e mais delimitadas da presença do *outro/Outro* no discurso, em duas abordagens não linguísticas. São elas o dialogismo proposto pelo Círculo de Bakhtin e a teoria do inconsciente, de autoria de Jacques Lacan, das quais nos ocuparemos em seguida.

Postula, então, a autora que, a partir do viés proposto pelo Círculo de Bakhtin podem ser elaboradas análises históricas de uma teoria de produção do discurso e do sentido, as quais a autora se propõe a utilizar na produção de suas pesquisas.

Ao evocar os estudos do Círculo, Authier-Revuz afirma que o legado dele se constitui em uma quebra de paradigmas sobre o que se escrevia e se acreditava até então, no início do século passado. Afirma que Bakhtin se utiliza de diversas oposições para constituir sua teoria. Dentre essas, a autora (2004) cita que o autor russo prefere o diálogo em vez do monólogo, o conflitual no lugar do imóvel e o relativo ao invés do absoluto, somente para apresentar algumas de suas colocações, as quais vão compor seus postulados.



Authier-Revuz (op. cit.) teoriza que o princípio fundamental da relação com o outro é o da *fronteira interior*. Explica que esse postulado representa inicialmente a *lei do discurso*, traduzindo-a pelas leis da palavra, do enunciado, do sentido. A autora apresenta as formas e gêneros literários que o Círculo de Bakhtin explora, tais como o romance polifônico e as diferentes modalidades do discurso secundário.

Isso quer dizer que o interlocutor não é “alvo” externo de uma mensagem, mas sim que é por meio da sua compreensão que ele se incorpora ao processo de interação. Como postula a autora: “O outro é, para o locutor, de qualquer modo, apreendido como discurso” (op. cit. p. 42). Quer dizer que o outro compreende o discurso não como uma recepção passiva, porém como um fenômeno ativo, particularmente dialógico, por meio de uma “resposta”, nas palavras da autora como se fosse um “contra-discurso”. Ou seja, o interlocutor assimila o discurso do outro através do seu próprio discurso.

Assim, o estudo da interação, frequentemente ligado aos aspectos exteriores, inscreve-se na corrente pragmática e se liga aos diálogos “externos”, privilegiando as estratégias interacionais. A autora afirma ser imprescindível colocar a interlocução como fator constitutivo do discurso. Dessa forma, Authier-Revuz (op. cit.) se contenta em justapor a psicanálise e o dialogismo, na formulação da sua teoria do sujeito.

Cita um pensamento de Bakhtin, que diz que “O estilo é o homem, mas podemos dizer, ao menos, dois homens”. Em seguida recorre a uma reflexão de Lacan, quando propõe que “O estilo é o homem... a quem nos dirigimos”. Explica, portanto, que o outro de Bakhtin, o qual possui o sentido edificado, por mais estranho que seja, traz no seu discurso “palavras carregadas de história”, como quer a autora. E complementa, já o Outro de Lacan, sobre o qual passaremos a discorrer em seguida, aquele do inconsciente, o do sentido inesperado, “desconstruído” abre outra heterogeneidade no discurso.

O ponto de vista da psicanálise mostra que por trás da linearidade da palavra, ou seja, atrás da emissão de uma única voz, é preciso entender uma polifonia. São emissões de uma espécie de partitura linguageira, na qual se alinham diversas pautas que compõem o fio do discurso.

Ao inserir o inconsciente na sua teoria, Authier-Revuz (2004) afirma que o homem não é o resultado de uma divisão em dois lados: consciente e inconsciente. Dessa forma, o sujeito se enuncia sem saber nem perceber o que ele enuncia, podendo, muito bem, numa ou em poucas palavras dizer muito desse saber.

Portanto, pode-se verificar que, de acordo com a linguista francesa, o sujeito do inconsciente, representado pelo significante, não se apresenta dividido como se podem dividir as metades de uma fruta. Ele se manifesta barrado pelo desejo, como afirmado por Freud e teorizado por Lacan, segundo postula Authier-Revuz (op. cit.).

Assim, a autora explica essa fenda no sujeito, citando Lacan (1953) que, por sua vez, afirma que o inconsciente é uma parte do discurso concreto, mas transindividual. Authier-Revuz acrescenta que esse inconsciente não permanece todo tempo à disposição do sujeito para reparar o fio da sua enunciação consciente, mas que algumas vezes é marcado por um vazio.



Postula, ainda, que em diversas ocasiões o inconsciente faz parte de outra cena, como são os exemplos *dos lapsos, dos ditos espirituosos e dos sonhos*, os quais não são senão, segundo a autora, os contratempos surpreendentes de uma presença constante desse inconsciente, que se faz assinalar no discurso.

O inconsciente, segundo Lacan (1966, apud AUTHIER-REVUZ, 2004) é uma cadeia de significantes que em algum recinto, ou em alguma outra cena, como quer o psicanalista francês, vem a se repetir e continua, a todo o momento, insistindo em interferir nos cortes que lhe são oferecidos no fio do discurso. Lacan acrescenta que o inconsciente reflete o que ele informa, fala, e sem dúvida, onde menos se espera ele se coloca, aparecendo nas inúmeras ocasiões da enunciação do sujeito.

Reunindo material para sua teoria, Authier-Revuz (2004) postula que todo discurso se mostra constitutivamente atravessado por “outros discursos”, como assim pelo “discurso do Outro”. Dessa forma, deseja dizer o outro/Outro para circunscrevê-lo e afirmar o Um como o faz na sua procura pela heterogeneidade mostrada, sobre a qual passaremos a trabalhar em seguida.

### 3 DISCUSSÃO

Segundo a linguista francesa, uma das formas mais complexas da heterogeneidade mostrada aparece no decurso das chamadas aspas de conotação autonímica, na quais “[...] o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso, sem a ruptura própria à autonímia e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 13).

Quer explicar a autora que, na medida em que o locutor integra um quadro enunciativo, utilizando-se das suas palavras, a sua posição é desdobrada em outra figura, que seria aquela do observador das referidas palavras que foram empregadas. Ou seja, essa enunciação é designada como marcada por meio de alguns mecanismos tais como as glosas, as aspas, o itálico, uma entonação ou mesmo um comentário, recebendo, no que tange ao restante do discurso, de acordo com a autora, um *estatuto outro*.

No processo enunciativo, quando se fala em glosa, é possível inferir que as expressões desse tipo se apresentam como paráfrases formuladas para especificar o que foi dito. Essas fórmulas de comentário, devido às suas características explícitas, mostram-se acessíveis ao processo de análise linguística. São expressões denominadas de *glosa, retoque ou ajustamento*, através das quais podem ser combinados alguns elementos no discurso do sujeito.

Authier-Revuz (2004) explica que a concretização do discurso em uma língua ou em uma variação dessa língua, seja ela técnica, regional, familiar ou mesmo “standard” adequa-se aos interlocutores e à situação por intermédio de glosas que indicam o *outro/estrangeiro*. Exemplifica o emprego da glosa com a frase: “Feijões verdes *al dente*, como dizem os italianos”. A expressão glosada retoma o dizer do outro, nesse caso o que diz o estrangeiro, ou seja, um povo de cultura diferente.

Quanto ao pertencer das palavras e das sequências de palavras ao discurso em execução, a autora (op. cit.) cita a alusão, o estereótipo e a reminiscência como formas de representar o *outro* no discurso já dito. Apresenta, em sequência, os seguintes exemplos, os quais definem, respectivamente, os tipos supracitados: “O poeta é – *conforme Daudrillard, de quem retiramos a acidez* – um acelerador de partículas...” para designar a alusão a outro discurso, uma vez que é citada outra fonte. “Esses *fragmentos de eternidade*, para retomar a expressão dos hindus...” exprimindo o estereótipo, no que se refere ao povo indiano, o qual é lembrado como ligado às coisas do além. E “Parece-me que três pontos sustentam, para ela, *esse prazer dito preliminar...*”, ao representar uma expressão de discurso já dito anteriormente, recuperando uma reminiscência que deve ter sido aludida anteriormente no texto.

A pesquisadora francesa distingue, também, outro tipo de heterogeneidade marcada. O tipo mostrado de heterogeneidade que a pesquisadora chama de “o *das outras palavras, sob as palavras, nas palavras*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 18). É o que ela postula como sendo algumas formas explícitas pelas quais a presença do outro significante pode vir a ser *marcada em uma sequência*. Esse interlocutor não pode desprezá-la, até porque essa cadeia de palavras se apresenta muitas vezes como uma espécie de instrução para descobrir esse outro.

Visando expor as aspas de conotação autonímica, que são o primeiro tipo de aspas exploradas por Authier-Revuz, a autora insere os enunciados “A palavra ‘caridade’ tem quatro sílabas” e “A palavra ‘caridade’ realiza boas obras”. Através desses exemplos, a pesquisadora postula que, por meio do chamado apresentador metalinguístico, que é a expressão “A palavra”, o locutor faz *apelo* e não *utilização* dos termos aspeados. Ou seja, o que está associado ao significante é o signo completo, composto de significante de e significado.

Prosseguindo no seu estudo, a linguista explica que a função habitual das aspas de diferenciação, segundo tipo explorado, é a de funcionar como um *instrumento de distinção* do outro. Isto aparece, de acordo com a teoria da autora, como um sinal que permite que um interlocutor possa “se distinguir” em relação ao outro, por intermédio dos marcadores mais comuns que são as palavras aspeadas.

Apresenta como exemplo excertos de uma entrevista, na qual as aspas de condescendência são muitas e utilizadas como uma espécie de ostentação. São os enunciados “Dá-se dez passos para frente e, depois, deve-se dar quatro para trás” para que isso se ajuste bem com a realidade ‘sociológica’ (por favor, coloque de novo aspas...) e “Nunca fomos ‘militantes’ (quanto às aspas, é a última vez, prometo) ... Nesses exemplos, percebe-se uma manifestação exagerada da imagem do locutor. Segundo Authier-Revuz, pode-se ver aí uma espécie de “narcisismo ofensivo do falante”, querendo se distinguir do outro.

O terceiro tipo investigado por Authier-Revuz (op. cit.), constitui-se pelas aspas de condescendência. Elas são empregadas quando o locutor, assumindo uma posição “paternalista”, faz uso de uma palavra que se encaixa no universo do receptor, porém, no sentido de manter a própria imagem,

caracteriza com as aspas seu distanciamento com relação a esse universo.

Explorando esse tipo de glosa, a autora nos conduz por dois caminhos opostos entre si mesmos. O primeiro percurso se faz assinalando uma palavra pertinente ao receptor, mas não ao locutor. E exemplifica: “Se não falasse com você, não teria dito essa palavra” (op. cit. p. 223). Complementa que são várias as aspas desse tipo, as quais são chamadas de “pedagógicas”, com as quais o locutor emprega palavras que atribui ao receptor, no sentido de colocar-se ao seu alcance e dessa forma poder levá-lo às “verdadeiras” palavras que teria desejado se referir, se ele não tivesse empregado as aspas.

O caminho seguinte é inverso e pressupõe que uma palavra é conveniente ao locutor e não a é, segundo ele próprio, ao receptor. Apresenta a frase “Se eu não falasse com você, eu o diria sem aspas” (op. cit. p. 223). São palavras colocadas entre aspas por um dos dois interlocutores, a fim de demonstrar o apreço que um tem pelo outro. Assim, Authier-Revuz conclui que esses tipos de palavras aspeadas comprovam a intrusão de um termo estético que é empregado entre dois falantes, por meio do qual um demonstra consideração pelo outro.

O quarto tipo trabalhado por Authier-Revuz (op. cit.) refere-se às aspas de proteção. Elas são utilizadas quando o enunciador, por conta da situação, é conduzido a empregar palavras que considera possuidoras de um saber que julga não ter ou ainda que estão relacionadas a uma situação social que pensa não ser a sua. Emprega as aspas, portanto, como forma de se proteger das consequências do seu dito.

Essas formas do dizer se compõem, segundo a autora, de palavras ditas como sendo de certa maneira “aproximativas”, uma vez que procuram restringir a distância para o interlocutor e, assim, amenizar uma possível resposta do receptor. São glosas que preparam uma eventual réplica do interlocutor, minimizando a ofensiva do outro. Essas aspas frustram, de maneira preventiva, uma eventual contra-argumentação do receptor, haja vista que instituem um espaço para o jogo de palavras que não se orienta para um conflito. A linguista exemplifica com a expressão “[...] é apenas um modo de falar, não discutirei por causa dessa palavra” (op. cit. p. 224). Com esse exemplo, a autora demonstra a tentativa de aproximação, acalmando uma reação mais enérgica do interlocutor.

Essas aspas alinham uma possível réplica, desarmando preventivamente o ataque do outro, pois, segundo Authier-Revuz, dissipam os contornos da palavra e sistematizam um espaço de flutuação do discurso. Elas são ditas *aproximativas* ao tempo que propõem, no quadro do jogo de palavras, uma retificação do dizer do outro, o que não motiva nem conduz a situação a uma possível contenda aberta. É importante contextualizar que a maioria das vezes que as aspas de proteção são empregadas elas conduzem a situação a uma defesa do enunciador, numa tentativa de preservação de faces.

O próximo tipo referido pela pesquisadora (op. cit.) são as aspas de questionamento ofensivo. Elas são usadas quando o locutor é levado a se expressar por meio de palavras que entende como impostas pelo exterior, o que torna suas próprias palavras interditas. Essas aspas são apropriadas para um locutor se

defender, apresentando uma reação agressiva em determinadas situações. Essas ocasiões, de acordo com a autora, são aquelas em que questionamento, seja ele de forma serena ou polêmica, ou mesmo de interrogação ou de zombaria é forçosamente destinado a romper a continuação de certos discursos. Nesse caso, as palavras aspeadas são empregadas como posições que delimitam uma linha de afrontamento.

Ilustrando as situações acima, a autora nos exemplifica essas maneiras de questionamento. Temos no exemplo “Ciências” humanas, “Abusos” policiais, As descobertas “inúteis” ... que se constituem em um título de um livro. Nesse título as aspas são utilizadas para provocar polêmica, pois dão ênfase, questionando de maneira agressiva, como se pode conceber que as *ciências* sejam humanas, que os *policiais* cometam abusos e que as *descobertas* possam revelar inúteis. Na frase “Toda criança que vem ao mundo por ‘acidente’ pode muito bem ser, de fato, inconscientemente desejada ...”, por meio da qual Authier-Revuz revela a provocação posta, a partir do momento que se reflete se realmente uma criança pode nascer *por acidente*.

Nesse sentido, explica Authier-Revuz (op. cit.) que, a cada oportunidade em que o sujeito é levado a falar com palavras impostas, ou seja, vindas do exterior, ao invés de suas próprias expressões, ele pode se defender por meio de reações ofensivas, numa situação que está sob controle. Portanto, ao escolher “[...] dizer mentalidades no lugar de ideologia pode ser para um locutor, em determinada situação, prudente, até mesmo obrigatório” (op. cit. p. 225). Dessa forma, o interlocutor não corre o risco de desencadear um conflito. Atua, então com prudência, a depender do ambiente em que se encontra, ou ainda, como quer a pesquisadora, simplesmente para se fazer melhor compreender.

Reforçando a teoria sobre as aspas de questionamento ofensivo, a autora nos traz o exemplo. Interrogado enfim sobre o que o jornalista da France-Inter chama de a “onda” de contestação no seio do Partido Comunista, com aspas em onda, para agradar-lhe, Charles Fiterman replicou: vou inclusive colocar a palavra “contestação” entre aspas porque a contesto, a recuso ... Nesse exemplo, a linguista focaliza a maneira agressiva como o interlocutor respondeu, utilizando-se de um questionamento ofensivo.

Authier-Revuz afirma que nos casos citados nos enunciados acima as aspas levam, frequentemente, a contextos que explicitam a oposição do locutor. Seria como a própria pesquisadora postula: “Uma reação ofensiva em uma situação dominada” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.132). Afirma, também, que o termo que é designado por uma palavra glosada é, de fato, uma pseudo-palavra. Conclui que essas aspas realizam um mapeamento de posições entre os interlocutores, determinando uma linha de afrontamento.

O último tipo de aspas indicado por Authier-Revuz (2004) são as aspas de ênfase, as quais são usadas como forma de ressaltar aquilo que verdadeiramente se quer dizer. Trabalham como uma resposta à suspensão de responsabilidade própria a qualquer emprego de aspas. Observe-se que, segundo a autora, esse tipo de aspas pode ser substituído por itálico ou negrito, sobretudo em enunciados dos chamados discursos “científicos”.

A esse respeito, a pesquisadora afirma que as formas de heterogeneidade mostrada têm a tendência de se ausentar nos conjuntos dos discursos supracitados:

Isso se deve a dois tipos de recusa evocados acima: a um aspecto “constitutivamente monológico”, que escapa aos sujeitos particulares e a língua materna por construção, se une – segundo modalidades variáveis – um aspecto ideológico de representação, que tende a encobrir qualquer manifestação das determinações heterogêneas que pesam, entretanto, sobre “sua lógica interna” (op. cit. p. 76).

A autora quer chamar a atenção para a representação geral contida nos artigos acadêmicos que corresponde a uma “retórica” existente no discurso científico que tende a apagar o *eu* do autor, em detrimento de uma neutralidade que se pensa que deva existir. No entanto, a própria Authier-Revuz postula que isso tem variado muito através dos tempos. E acrescenta que a forma pela qual este caráter monológico constitutivo e representado produz a imagem de um discurso absoluto do verdadeiro, traduz-se como uma espécie de ponto de referência e horizonte inacessível na economia desse discurso. Ele funciona, inversamente, segundo a autora, como uma representação bastante mostrada do outro, em um funcionamento ostentadamente dialógico. Assim, nos dias atuais, já é possível se ver um trabalho acadêmico ser apresentado em primeira pessoa.

Sobre as aspas de ênfase, observemos:

[...] aspas de ênfase, de insistência, que comutam – de modo irregular conforme as gráficas parecem com o itálico, o negrito..., mas não constituem, todavia, uma aberração relativamente ao valor de distância desse sinal [...] (op.cit. p. 228).

Portanto, as aspas de ênfase não marcam, absolutamente, uma distância irônica, e sim uma réplica à falta de responsabilidade própria em relação a qualquer construção aspeada, tudo isso por meio de uma nova assertiva. A linguista exemplifica o que quer afirmar através da frase “[...] é bem essa palavra que quero dizer, é exatamente essa palavra que quero dizer”. As aspas de insistência são, portanto, como quer a pesquisadora, construções que trazem um já-dito imediato que é próprio a qualquer colocação de aspas, persistindo nessa ênfase e reforçando o seu próprio redito, por intermédio de uma nova assertiva.

#### **4 CONCLUSÃO**

Nosso trabalho se situou no campo da Linguística da Enunciação, entendida como a tentativa mais relevante para ultrapassar os limites da linguística da língua. Assim, por meio desse campo, procuramos as relações da língua, que é vista não somente como um sistema de combinação de signos, mas, sobretudo como linguagem engendrada por um sujeito.

Visitamos a teoria enunciativa de Authier-Revuz, partindo da sua afirmação de que, no transcorrer do discurso, um locutor único produz certa quantidade de formas verbais, as quais são linguisticamente

perceptíveis.

Assim, ao abordar a heterogeneidade enunciativa, a linguista francesa alicerça sua fundamentação, no sentido de resgatar as formas mais explícitas e mais caracterizadas da presença do outro no discurso do sujeito, por meio de abordagens não linguísticas. Então, encarregamo-nos de aprofundar essas teorias, as quais se constituem no dialogismo proposto pelo Círculo de Bakhtin e na teoria do inconsciente, de autoria de Jacques Lacan.

Visitamos, na teoria de Authier-Revuz, uma das formas mais complexas da heterogeneidade mostrada que aparece no discurso por intermédio das chamadas aspas de conotação autonímica. Sobre isso, Authier-Revuz (2004, p. 13) postula: “[...] o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso, sem a ruptura própria à autonímia e, ao mesmo tempo, ele as mostra”. Aí está o cerne da conotação autonímica, uma vez que a palavra se torna objeto do dizer, ao mesmo tempo em que é utilizada. Promove-se, dessa forma, uma ressignificação do sujeito, possibilitando que se fale sobre o signo, no exato momento em que se refere ao mesmo.

Em seguida, dentro da classificação proposta pela linguista francesa sobre as funções desempenhadas pelas aspas de conotação autonímica no discurso do sujeito, visitamos os diversos tipos designados por Authier-Revuz.

Finalizando, afirmamos que a linguística do século XX constituiu-se em um domínio multifacetado e plural. Observando o seu percurso, podemos afirmar que alguns estudos sobre o sujeito não se efetivaram de maneira conclusiva. Dessa forma, a pesquisa nesse campo lega ao século XXI diversas questões que merecem ser aprofundadas, como por exemplo, os estudos sobre a heterogeneidade do sujeito no discurso.



## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. L'étage métalangagier du dire: clivages théoriques dans son approche descriptive. Séquence I: Réperages dans le champ du métalangage. Anais do Curso realizado na UFPE: Recife, 2014a.

\_\_\_\_\_ L'étage métalangagier du dire: clivages théoriques dans son approche descriptive. Sequence II: La place de la langue dans l'approche des faits – énonciatifs – métalangagiers. Anais do Curso realizado na UFPE: Recife, 2014b.

\_\_\_\_\_ L'étage métalangagier du dire: clivages théoriques dans son approche descriptive. Séquence III: Elements sur les conceptions du sujet. Anais do Curso realizado na UFPE: Recife, 2014c.

\_\_\_\_\_ Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_ Palavras incertas: as não coincidências do dizer. Campinas: UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_ Enonciation, méta-énonciation. Hétérogénéités énonciatives et problematiques du sujet. In VION R. Les sujets et leurs discours – énonciation et interaction. Université de Provence, 1998b.

\_\_\_\_\_ Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, n° 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_ Psychanalyse et champ linguistique de l'énonciation : parcours dans la méta-énonciation. In Linguistique et Psychanalyse, sous la dir. de M. Arriuvé & C. Normand. Paris: Ed. In Press, 1984.

\_\_\_\_\_ Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l'autre dans le discours. In DRLAV, n° 26, 1982.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. São Paulo: HUCITEC, 2014.

Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. BENVENISTE, Emile.

Problemas de Linguística Geral II. Campinas: Pontes, 2006.

Problemas de Linguística Geral I. Campinas: Pontes, 2005.

Problèmes de Linguistique Générale II. Paris: Gallimard, 1974.

BEZERRA, B. G.; LÊDO, A. C. O; e PEREIRA, S. V. M. (Orgs). Práticas Discursivas em EAD, Reflexões e Aplicações. Recife: Ed Universitária UFPE, 2013.

BRAIT, Beth. et al. Bakhtin: Outros Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_ Bakhtin: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2010d.



HULAK, F. A invenção de um dispositivo como suplência à metáfora paterna: efetuar atorção de uma superfície unilateral. In Revista de Ciências Humanas, vol. 47, n° 2: UFSC, 2013. KADER, C. C. C. A Heterogeneidade Enunciativa: um entrelugar. Anais do IX Seminário ANPED Sul. Santa Maria: 2012. LACAN, Jacques. Nomes-do-Pai. São Paulo: Zahar, 2005.

LIMA FILHO, I. A. Produção discursiva nas psicoses. Recife: Ed Universitária UFPE, 2012.

MARTELOTTA, M. E. (Org.).

Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2012.

PILLA, E. H. Os neologismos do português e a face social da língua. Porto Alegre: Age, 2002. RAY-DEBOVE, Josette.

Le Métalangage : étude linguistique du discours sur le langage. Paris : Le Robert, 1978.

RIVERA, T. Ensaio sobre o espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise. In Revista Ágora, vol. 11, n° 2, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2012.

TEIXEIRA, Marlene. Análise do Discurso e Psicanálise: Elementos para uma abordagem do sentido no discurso. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.